

O MUNDO (NÃO) EXISTE E A EXISTÊNCIA (NÃO) TEM SENTIDO

ALEPH CEDRIM BARBALHO¹
EVANDRO BARBOSA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – alephcb@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – ebarbosa@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Se investiga a posição de Markus Gabriel (1980-) em *Por que o mundo não existe* (2013), à qual toda existência tem sentido e é necessário o mundo não existir. Se propõe exposição desse niilismo, que também pode ser chamado de niilismo meta-metafísico, evidenciando seu critério de existência (que se resume a aparecer em campo de sentido – se algo se manifesta em um contexto, existe) e o que é o mundo, frente a essa existência, para que ele próprio não se enquadre no critério erguido e não exista, segundo a filosofia de Gabriel. Se enfatiza como Gabriel defende bicondicionabilidade entre niilismo e existência de sentido: se e somente se o mundo não existe, há sentido. Se argumenta, frente a essa defesa, a contingência (e não necessidade) do niilismo e do sentido, necessários (e não contingentes) a Gabriel. Com essa contingência, se vê a possibilidade de incompletude do sentido e de inapresentação da existência. Com a possibilidade de o que há não se apresentar por completo e até existir além de qualquer apresentação, se propõe negação da bicondicionabilidade de Gabriel em defesa de só se pode ter segurança de uma condicionalidade à qual se há um sentido, então há uma existência.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado por investigações bibliográficas das obras de Markus Gabriel, bem como de outros autores. Quanto às obras de Gabriel, as de principal interesse foram “Por que o mundo não existe”, “O sentido da existência: por um novo realismo ontológico” (2012), “*Transcendental ontology: essays in German idealism*” (2011) e, em colaboração com Graham Priest (1957-), “*Everything and nothing*” (2022). Em estilística, com base em citações desse último livro, se fez referências a Jorge Luis Borges (1899-1986) em “Discussão” (1932).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho parte do entendimento do niilismo, segundo Markus Gabriel, enquanto posição em favor da inexistência do mundo. O niilismo de Gabriel em particular se mostra com a qualidade de encarar tal esvaziamento não como destrutor de sentido, mas como condição de possibilidade a todo conhecimento.

De modo a entender como a não existência do mundo é necessária ao conhecimento na filosofia de Gabriel, se propõe um esclarecimento das razões com as quais Gabriel justifica, inicialmente, o seu niilismo. Para tanto, é necessário entender o seu critério de existência, no qual o sentido da palavra manifestação é fundamental, sendo que essa também pode ser interpretada como aparição ou aparecimento. Esse aparecimento também não se dá desvinculado de tudo, mas em um campo, ou seja, em um contexto, um domínio, de modo que Gabriel concebe toda a existência como ocorrendo em um campo. O que não é abarcado por

nenhum campo, não existe. Além disso, esse contexto não é qualquer um, mas é constituído como um campo de sentido e o sentido de sentido adotado por Gabriel se revela como sendo o fregeano, ou seja, de um modo de apresentação. Com essas considerações é que se parte a uma definição do mundo como sendo, essencialmente, o domínio de todos os domínios, segundo uma definição que Gabriel herda de Martin Heidegger (1889-1976). Dessa forma, o mundo é diferenciado de todos os seus componentes, sejam coisas, objetos ou fatos.

A principal justificativa de Gabriel para a não existência do mundo enquanto o domínio de todos os domínios, se mostra a partir de um exercício imaginativo no qual o mundo existiria em um campo de sentido qualquer dentre os que existem. Sendo assim, o mundo se manifestaria em um campo de sentido qualquer que existe ao lado de incontáveis outros, quaisquer. Porém, a impossibilidade que Gabriel reconhece parte do princípio segundo o qual nada existe ao lado ou fora do domínio de todos os domínios, caso contrário, ele não seria o que é. Essa questão também é investigada segundo exemplos mais concretos.

Com esse preâmbulo da filosofia de Gabriel, se parte a reconhecimento de que o que ele faz é estabelecer uma relação de bicondicionalidade entre o niilismo quanto à existência do mundo e a existência de sentido, de modo que se e somente se o mundo não existir, então, há sentido. É uma aplicação positiva que Gabriel procura realizar a partir do princípio do qual parte, segundo o qual o mundo inexiste e tudo quanto há é apenas um número infinito de campos de sentido, sem que se dê um campo de sentido último no qual todos ocorrem. O ser se constituir em aparições em campos de sentido não é algo contingente na filosofia de Markus Gabriel, mas assim como o mundo não existir, são premissas erguidas como necessárias para que se atinja as conclusões almejadas pelo filósofo. Dessa forma é que se procura continuar investigando as justificativas para porque é necessário que o mundo não exista para que haja sentido.

Mas, um ponto de fundamental distinção entre a filosofia de Gabriel e a considerada típica de um pós-modernismo, é que Gabriel se opõe veementemente à noção de que todos os campos e tudo o que se reconhece como existente neles sejam meras projeções humanas frente a uma realidade homogênea que seria o mundo que independe do modo de vida humano. Não. Para Gabriel, essas duas dimensões se demonstram mais como inseparáveis e sempre mescladas entre si.

O foco do seu posicionamento, no entanto, é fazer prevalecer o que ergue como sendo a verdade segundo a qual o que tudo compreende não pode se manifestar em um dos seus âmbitos de compreensão. O que se sabe, se sabe sempre relativamente e nunca de forma absoluta, o que não necessariamente implica em uma trivialização do saber segundo a qual tudo seria aceitável como correto. Ainda assim, essa não-trivialização não parece abalar o fato de que para quaisquer definições que se dê, sob um ou outro parâmetro, a qualquer coisa, poderiam ser dadas, sempre, outras definições, talvez, sob outros contextos. Isso também colabora para que o niilismo no que diz respeito ao mundo enquanto realidade fundamental seja reconhecido como compatível com um hiper-realismo frente aos entes particulares. Porém, nenhum pode almejar hegemonia absoluta sem extinguir sua existência. Também se reconhece como aspecto principal que a filosofia de Gabriel se distingue do idealismo em geral pois não visa criticar uma imagem de mundo em particular, em defesa de outra, como uma ideia regulativa, mas, antes, Markus Gabriel quer se opor a toda e qualquer imagem de mundo.

Tudo isso conduzirá esta investigação ao início de uma proposta de desacordos, pelo reconhecimento de que o que Markus Gabriel faz, na verdade, é extrapolar a instância de contingência do niilismo e do sentido, pondo-os como

elementos que escapam às suas condições e constituem-se já como necessidades de um âmbito mundano, nos termos da sua filosofia, ou seja, condições que abrangem toda a existência. Frente a isso, se propõe a possibilidade de uma dimensão de recuperação da contingência desses elementos postos como necessários na filosofia de Gabriel, isto é, a possibilidade de: não ser o caso que o mundo não exista; e não ser o caso que toda existência tenha sentido.

4. CONCLUSÕES

Assim, as considerações finais desta presente investigação tratam de desacordos profundos no que diz respeito a minúcias do pensamento, pela demanda intuitiva do cuidadoso reconhecimento de contingências, ou seja, da possibilidade de que algo tanto seja, como não seja, em outro sentido.

Traz-se à tona desacordos profundos no niilismo de Markus Gabriel frente ao senso comum, bem como frente à tradição filosófica e, além disso, os desacordos profundos do niilismo de Gabriel, quanto às consequências do seu critério de existência, que levariam à não existência do mundo, bem como quanto ao seu próprio critério de existência por si só, antes do que ele supostamente deveria provocar. Também se propõe um diagnóstico frente à bicondicionalidade entre o niilismo quanto ao mundo e o sentido da existência, convertendo-o em uma condicionalidade simples entre a existência do sentido e a existência em geral. Se há algum sentido é porque há, ao menos, essa existência que é a do modo de apresentação que se é capaz de apreender em uma manifestação.

Em meio a isso, procura-se realizar uma defesa do senso comum frente ao espanto para com as defesas de Gabriel, propondo a verdade da obviedade de que o mundo existe, sim, em um sentido, por mais que no sentido expresso por Gabriel ele possa não existir, não parece razoável reduzir o contido pela existência à inexistência do mundo. Além disso, também se volta à posição mais tradicional da filosofia, segundo a qual o mundo ‘sempre existiu’ e não se reconhece nenhuma outra proposta de negação da sua existência tão veemente quanto a de Gabriel.

Porém, também é importante ressaltar que todas essas reflexões, como toda a filosofia, sempre devem ser encaradas de uma maneira prototípica. Nenhum pensamento é absolutamente acabado ou plenamente aperfeiçoado. Mas, não é possível apegar-se à necessidade de uma inquestionável resolução para começar a propagar alguns posicionamentos e, por isso, aqui se questiona a asserção de Gabriel segundo a qual a inexistência do mundo e a existência do sentido seriam condições necessárias à existência de tudo o que existe.

Para melhor dialogar com o contemporâneo filósofo alemão, primeiro, procura-se uma forma de defender a existência do mundo conservando o seu critério de existência, para que se fale a sua linguagem e se argumente em seus termos. Nisso, se reconhece que nenhuma das outras coisas, objetos ou fatos que se afirmam seguramente como existentes têm uma aparição completa em um campo de sentido, qualquer que seja e, com isso, se questiona por que motivo seria necessário que o mundo se manifesta-se por completo em um campo de sentido para que existisse. É possível que o mundo se apresente, como parece se apresentar constantemente, de maneira parcial, em todo e qualquer campo de sentido que lhe componha, e, assim, exista.

Tendo realizado tal empreendimento, se partiu para uma proposta de superação do critério de existência de Gabriel, ou seja, segundo o qual a existência seria unicamente o manifesto em um campo de sentido e se propõe, então, a

possibilidade de uma inapresentação da existência. Isso procurando atender a demanda feita pelo próprio Gabriel de que se necessita de uma investigação sobre o ser mais refletida e que considere a constituição de tudo quanto há como contingente. Erguer a inexistência do mundo e a existência de sentido como condições necessárias é já pôr em xeque essa contingência demandada na mais abrangente possível consideração ontológica, por mais que em sua contingência, sim, seja possível que se manifestem como necessárias – em um contexto – a inexistência do mundo e a existência do sentido. Esses contextos, porém, não parecem poder razoavelmente ser elevados ao absoluto, como nada o deve poder, nem mesmo a contingência, em um contraditório rigor.

Por fim, o que se intui é uma condicionalidade simples entre sentido e existência. Se há sentido, há algo e esse algo que se pode ter segurança que há é o próprio sentido. Disso não se segue a segurança de afirmar que tudo quanto há é dotado de sentido, de algum modo de apresentação. Não. Por mais que, se algo for dotado de um modo de apresentação, sim, se possa ter segurança da sua existência, no mínimo enquanto fenômeno que se apresenta do modo como se apresenta. Se propõe, então, um exemplo disso que é a experiência, o fenômeno da liberdade. Por mais que seja possível argumentar, ontologicamente, que a liberdade não existe, um ser humano, em sã consciência, não parece ser capaz de razoavelmente negar que ele tenha a experiência de livremente escolher como realizar os seus afazeres cotidianos. Assim como se pode elaborar os mais intrigantes paradoxos, como que para chegar a um lugar se precisa, primeiro, percorrer a metade da distância até o local e, depois, a metade da metade e, em seguida, a metade da metade da metade, até ao infinito, de modo que matematicamente nunca se chegaria ao local. Independente disso, é um fato inegável que, cotidianamente, o ser humano tem a experiência de se deslocar com sucesso a muitos locais. Agora, com isso, por mais que a infinita divisão do espaço não se apresente a ele diretamente por meio dos seus cinco sentidos, mas apenas o faça por meio de uma abstração, não parece igualmente razoável reduzir a existência às suas experiências cotidianas. Elas por certo são constitutivas do que há, porém, parece filosoficamente mais saudável sempre conservar a dúvida de que tudo pode ser diferente da maneira como o que há se apresenta, diretamente pelos sentidos, ou indiretamente pela abstração imaginativa. É possível que exista o sem sentido, o que não se apresenta de maneira nenhuma, não só ao ser humano, mas a nenhuma forma de existência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, J. L. **Discussão** (1932). Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GABRIEL, M.; PRIEST, G. **Everything and nothing**. Cambridge: Polity Press, 2022.
- GABRIEL, M. **O sentido da existência**: por um novo realismo ontológico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016 a.
- GABRIEL, M. **Por que o mundo não existe**. Petrópolis: Vozes, 2016 b.
- GABRIEL, M. **Transcendental ontology**: essays in German idealism. Londres; Nova Iorque: Continuum International Publishing Group, 2011.